

## A Europa sem a América

*Os europeus cooperam e conduzem operações militares há pelo menos 30 anos. Mas apenas de soft security. Do que se trata, agora, é de hard security: dissuasão nuclear e defesa colectiva.*

Nuno Severiano Teixeira | Público | 5 de Fevereiro de 2025

Os europeus tomaram, finalmente, consciência de que têm que tomar a defesa a sério. E com carácter de urgência. A Comissão tem pela primeira vez um comissário para a defesa, de quem se espera, em breve, um livro branco sobre a defesa. E o presidente do Conselho acaba de realizar um conselho informal para analisar os desafios da defesa europeia e a forma de os enfrentar.

Não admira. Ao mundo multipolar do século XXI, regressou a política de potência, a rivalidade imperial e a guerra de antigamente. O primado da força sobre a lei. Ora a Europa, pelo contrário, fundou-se sobre o primado da lei sobre a força. Pensou que o comércio e o direito eram bastantes para garantir a paz. E não se preparou para a guerra.

Dizia-se uma “potência civil” ou uma “potência normativa”. Descobriu, agora, que não é potência e está vulnerável à voracidade dos impérios: no plano económico, entre o proteccionismo americano de um lado e o dumping chinês do outro; no plano da defesa, entre a ameaça militar russa a leste, e a incerteza sobre a relação transatlântica a ocidente. Descoberta tardia, de que para defender os seus valores e os seus interesses precisa de garantir a sua segurança.

A leste, a Rússia de Putin é uma ameaça real e de longo prazo. Tem ambições imperiais, uma economia de guerra e, ao contrário da URSS que era uma potência do sistema, é uma potência revisionista. Se perder na Ucrânia tenderá a procurar vingança. Se ganhar, tenderá a continuar. Se não a conquistar território, pelo menos, a atacar o Ocidente e a desestabilizar a Europa.

A ocidente, desde a Segunda Guerra Mundial, a América foi o aliado permanente da Europa e a relação transatlântica a garantia da segurança europeia. Primeiro a presença de tropas americanas na Europa, depois, o guarda-chuva nuclear americano e, finalmente, a NATO. A Europa delegou a sua defesa na organização transatlântica. Isso permitiu aos europeus, décadas a gastar pouco ou nada com a defesa e concentrar-se no desenvolvimento económico e na construção do modelo social europeu. Foi bom, mas acabou.

Desde a administração Obama que a prioridade estratégica americana se deslocou da Europa para a China e do Atlântico para o Pacífico. Acresce que Trump tem uma concepção transaccional da NATO – “não contem comigo para vos defender, porque não pagam o suficiente” – que põe em causa a confiança entre aliados e a credibilidade da Aliança. Mas descontada a retórica disruptiva, mesmo que os EUA

não saiam da NATO, a simples retirada de tropas americanas da Europa e a pressão para os europeus assumirem maiores responsabilidades na sua defesa e atingirem 5% do PIB em despesa militar são sinais suficientes para introduzir incerteza na relação transatlântica.

Com a ameaça a leste e a incerteza a ocidente, terá a Europa capacidade para se defender sozinha? A Europa da defesa já existe. O Tratado de Lisboa prevê cláusulas mútuas de assistência militar e os europeus cooperam e conduzem operações há pelo menos 30 anos. Mas apenas de *soft security*: gestão de crises e operações de paz. E do que se trata, agora, é de *hard security*: dissuasão nuclear e defesa colectiva. E, isso, só a NATO tem capacidade militar para fazer. Depois do "Brexit", só ela pode associar o Reino Unido à defesa europeia. É por isso que os europeus têm interesse na continuidade do vínculo transatlântico e da NATO.

Mas precisam, ao mesmo tempo, de autonomia estratégica europeia. Não contra, mas com a NATO, não fora, mas dentro da NATO. Isto é, um verdadeiro pilar europeu da NATO. Precisam, para isso, de três coisas: gastar mais; gastar melhor; e gastar europeu. Gastar mais significa mais financiamento e maior percentagem do PIB para a defesa: com esforço dos Estados-membros, mas também com esforço conjunto da UE. Com a possibilidade de mobilização de fundos estruturais, mais empréstimos do BEI e a emissão de dívida conjunta, como aconteceu na covid-19. Gastar melhor significa optimização de recursos, economias de escala e reforço das compras conjuntas na defesa, como sucedeu com as vacinas. Gastar europeu significa desenvolver a estratégia para a base industrial de defesa europeia, agora dotada com um envelope financeiro de 1,5 mil milhões pela Comissão. Para quê? Para que o investimento em defesa fique na Europa e não migre todo para a indústria americana. Mas os europeus precisam, sobretudo, de força moral e vontade política. Para se defenderem sem a América. Ou, pelo menos, com menos América.

<https://www.publico.pt/2025/02/05/opiniao/opiniao/europa-america-2121326>